



O

MARIANO

ORGÃO DAS CONGREGAÇÕES MARIANAS DO COLÉGIO CATARINENSE

Ano VII

Florianópolis, Março de 1949

N. 1



Ação

Este ano deve ser um ano de ação — de ação em todos os setores da vida.

Ação séria, ação orientada, ação constante e perseverante! Nada de "farolagem"!

Num artigo em "A Imprensa", de João Pessoa (8-12-1948) mostra-se que a causa de nossa crise econômica é a "malandragem, a ociosidade, a preguiça, a falta de perseverança nas tarefas".

"O hábito da vadiagem infiltrou-se em todas as rodas e ambientes. Ninguém quer produzir o que é capaz de produzir".

Tal fenômeno é observado "nos órgãos da administração pública" como nas "organizações de caráter particular". Podemos acrescentar: nos estabelecimentos de ensino.

Favorecer a malandragem em todos os setores da vida é um dos elementos principais na tática dos comunistas.

"A redução da produção ocasiona as crises econômicas. As crises despertam o mal-estar". E o mal-estar favorece, como nenhuma outra coisa, a propaganda comunista.

Congregado, queres tu colaborar com os quinta-columnistas de Moscou? Queres colaborar com a quinta coluna vermelha que jurou destruir teu lar, tua Igreja, tua Pátria?

Estamos certos de que não o queres.

Mas então: cumpre teus deveres de congregado! Sé ativo, ativo em casa, ativo nos estudos, ativo na Congregação! Sé congregado de fato, não de fita!

ESCOLA DE GUERRA (XXXI)

53. "O Presidente é o primeiro dos Oficiais em dignidade e como o braço direito do Padre Diretor. (1) Presidirá com este às reuniões, e intervirá, devidamente a ele subordinado, em tudo o que pertence ao governo da Congregação, (2) principalmente na admissão e exclusão dos congregados". (3).

Comentários: (1) Do Presidente depende, em grande parte, a prosperidade da C. M. Por isso, o primeiro dos Oficiais deve dedicar ao seu ofício todas as suas forças, sa-



Mãe e Advogada Nossa

licitando a C. M. todos os mais interesses (2) Isto exige que o Presidente tenha conhecimentos sólidos da CM, tanto quanto ao lado teórico, como no que toca à CM da qual é Presidente. A esses conhecimentos deve aliar-se o espírito de iniciativa. — (3) A admissão e exclusão de congregados são coisa de importância máxima. Por isto, o Presidente não fuja da parte de responsabilidade que lhe cabe neste ponto.

54. "O Primeiro e Segundo Assistentes ajudam o Presidente no desempenho do seu ofício por meio dos seus conselhos e imediata cooperação. (1) Na ausência do Presidente fará as suas vezes o Primeiro Assistente; faltando também este o Segundo Assistente". (2).

Comentários: (1) É evidente que os três oficiais devem estar unidos intimamente pelo vínculo da caridade cristã. — (2) Tendo os Assistentes eventualmente que substituir ao Presidente, requerem-se neles as mesmas qualidades como na pessoa do Presidente.

MARIANOS CÉLEBRES

20. Eduardo Heis, Astrônomo

Não sabemos qual dos dois oferece aspecto mais triste (ou ridículo): o homem feito que, talvez, saiba alguma coisa, na sua especialidade, mas, que com um sorriso superior relega Deus ao reino das lendas, ou o mocinho, mal capaz de resolver uma equação do 1º grau, que "por motivo da ciência" se declara incrédulo.

Em ambos os casos, há, no fundo, fraqueza de vontade, fraqueza moral.

O forte, o corajoso, enfrentará a verdade e conservará a fé em seu Criador ou recupera-la-á, se a tiver perdido, temporariamente. Tal homem distinguir-se-á, também, em sua vida profissional.

Sirva de prova a vida do astrônomo Eduardo Heis
Nasceu ele, em Colônia, aos 18

de Fevereiro de 1806. Depois de ter estudado matemática na Universidade de Bonn, ingressou, com apenas 21 anos de idade, para o magistério num ginásio de sua cidade natal. As experiências colhidas aí e num estabelecimento congênere em Aquisgrana, capacitaram-no de escrever um manual de aritmética e álgebra, que viu 88 edições (até 1893).

Em 1852, foram-lhe confiadas as cátedras de matemática e astronomia na Academia de Muenster (Westfália).

Como aquele estabelecimento de ensino superior não dispusesse de observatório astronômico suficientemente instalado, Heis escolheu como campo de seus estudos um assunto que não requeria grandes subsídios. Dedicou-se à observação das estrelas cadentes, das manchas solares, das estrelas mudáveis, da Via Láctea, da luz zodiacal e dos fenômenos crepusculares. Graças à sua extraordinária força visual conseguiu registrar as estrelas visíveis a olho nú no "Neue Himmelsatlas" (Colônia, 1872, com um registro das estrelas). Nesse atlas do céu, Heis marcou 5421 estrelas, 2153 mais do que seu antecessor Argelander. A Real Sociedade Astronômica, de Londres, caracterizou esta publicação com as palavras: "A most valuable and original work". Entre outras coisas, contém o atlas ótimos desenhos da Via Láctea. Ao lado deste trabalho, editou Heis, em parte em colaboração com o cientista Eschweiler, um manual de geometria e várias obras astronômicas de grande valor. Até dois anos antes de sua morte (1858-1875) publicou uma revista semanal de astronomia (Wochenschrift der Astronomie).

Heis, entretanto, não somente nas ciências se distinguia. Foi, como congregado, genuíno filho de Maria. Todas as noites rezava-se, em sua casa o terço do Rosário. E, quando as circunstâncias o exigiam, professava em público sua fé católica, mesmo quando isto lhe custava sacrifícios bem pesados, como acontecia no famoso e vergonhoso "Kulturkampf".

Como maior tesouro guardava a carta de agradecimento com a assinatura do próprio Papa Pio IX, que este lhe mandou depois de ter recebido um dos primeiros exemplares do atlas do céu.

Na festa de S. Paulo, 30 de Junho de 1877, Maria esperou às portas da eternidade seu dedicado filho que tão preciosas lições soube usufruir da contemplação do céu.



Com a reza (ou canto) do Crédo, ou, nas Missas que não têm Crédo, com a leitura do Evangelho encerra-se a Missa dos Catecúmenos. Começa agora o sacrifício propriamente dito.

No sacrifício distinguimos três partes:

a) a oblação, i. é, o oferecimento dos elementos do sacrifício.

b) a consagração, i. é, a execução da ação sacrificadora.

c) a comunhão, i. é, a participação do sacrifício consumado.

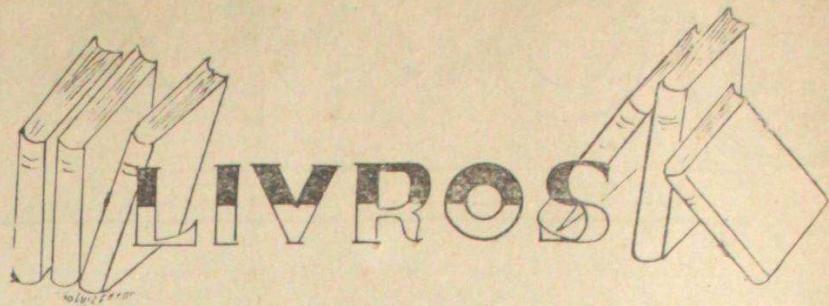
Iniciando a primeira destas três partes, o sacerdote, depois de ter beijado o altar, dirige aos fieis a

saudação sacerdotal "Dominus vobiscum" e voltando-se outra vez para o altar, exorta a assistência com o "Oremus" a acompanhá-lo nas orações que seguem.

Então reza uma antífona que tem o nome de **Ofertório**.

O texto desta antífona é, geralmente, tirado dos Salmos, às vezes, também de outros livros da Sagrada Escritura, e não se refere à oblação dos elementos sacrificais, mas expressa o carácter da respectiva Missa.

Na Missa solene, o ofertório é cantado pelo côro, ao mesmo tempo que o celebrante o lê em voz baixa.



Moscou 1979, por Erik e Christiane von Kuehnelt-Leddihn; Instituto Progresso Editorial S. A., São Paulo; 1948. — Neste empolgante romance do futuro, o casal americano von Kuehnelt-Leddihn analisa a estrutura da Rússia soviética de hoje, para dar-nos uma previsão do que os anos a vir nos parecem reservar. Parecem? Não, podemos, com bastante certeza admitir as conclusões dos autores, senão nos pormenores que dão ao romance em apreço vida e ação, mas nas horrendas e terrificantes linhas gerais.

A doutrina materialista do comunismo, com sua tendência inata de ir até os extremos, o ódio à religião e o conseqüente ódio à humanidade, a divinização dos chefes e a inegável influência satânica, tudo isto justifica os quadros horripilantes que os autores nos põem diante dos olhos estarecidos. Se considerarmos as calúnias e mentiras, as hipocrisias e o fingimento, as violências revoltantes cometidas contra a justiça elementar: não duvidaremos que pode acontecer o que prevêm os autores: mais uma terrível guerra mundial que trará consigo a destruição completa (ou quase completa) da Europa, o aniquilamento da Rússia na Eurásia. Von Kuehnelt prevê que só a Espanha resistirá eficazmente ao comunismo, enquanto à Inglaterra aceita um compromisso quase tão fatal como o próprio comunismo. O Papa terá que procurar um refúgio em S. Francisco da Califórnia. A maior parte dos cardiais pertencerá à raça amarela.

O Arcebispo da Rússia é ao mesmo tempo vítima de seu zelo e das calúnias diabólicas que, aos olhos do próprio Papa hábilmente enganado, o fazem passar por um dos prelados mais indignos da História da Igreja.

Mas então vem o fim do comunismo e de sua tirania. E o sangue dos mártires prova mais uma vez sua fecundidade.

O livro merece ser lido e meditado, porque há nele uma lição também para a massa de católicos que tanto gostam do comodismo da mediocridade e da "prudência" que — segundo a palavra de Cristo — deveria ficar reservada aos filhos do mundo. — Sec.: C.

Nos Sertões do Araguáia, por Hermano Ribeiro da Silva; Saraiva S. A., Livreiros Editores, São Paulo, 1948. — No terceiro volume de sua nova "Coleção Saraiva", a conhecida editora bandeirante oferece-nos as interessantes "Narrativas da Expedição às Glebas Bárbaras do Brasil Central". O autor mesmo diz que foi para aquelas regiões tão desconhecidas da maioria dos brasileiros, não como técnico de expedições científicas, mas para vê-las com o olhar inquisidor do reporter. O que viu — e sofreu — apresenta-o em linguagem muito agradável que torna a leitura atraente. Os que tiveram ocasião de ouvir falar sobre o assunto pessoas que conhecem aquelas regiões bravas, hão de convir que o autor soube pintar fielmente aquele pedaço de terra missionária no coração do Brasil. — Sec.: C.



— A Comissão Pontifícia de Assistência que, desde 1946, socorre a tantas vítimas da guerra na Itália e em outros países, auxilia somente na Itália a 850.000 meninos.

(Nuestra Vida — México, D. F.)

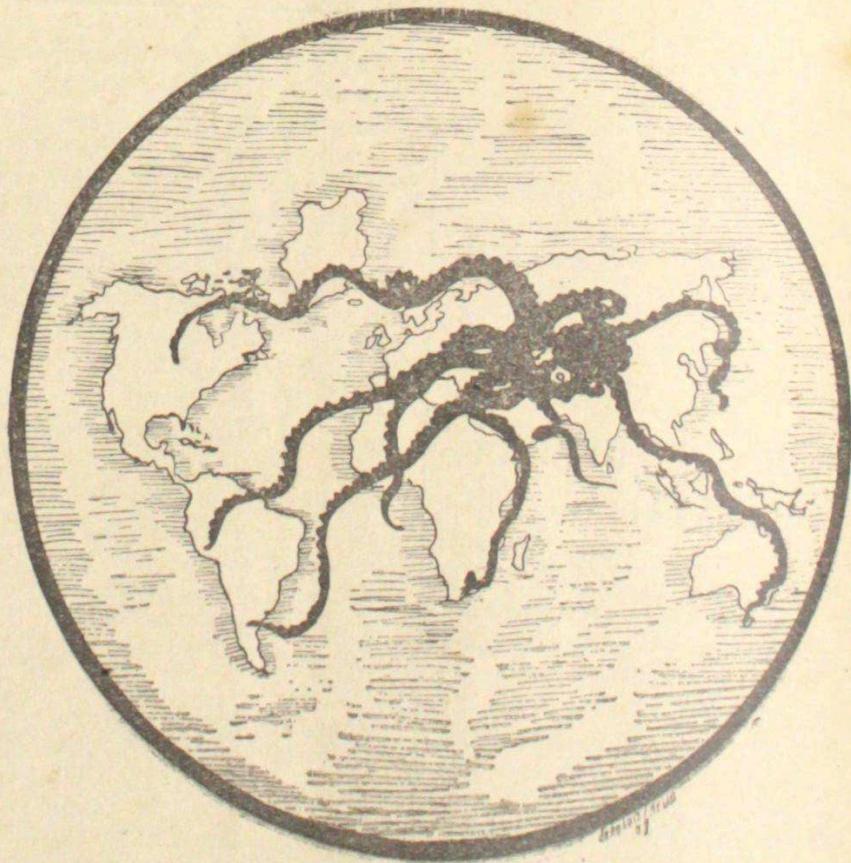
— Um antigo tenente de um regimento de guarda-fronteiras soviéticas revela que um dos meios principais de manter fechada a Rússia por meio de uma "cortina de ferro" são terríveis cães, especialmente treinados para este fim. Estes cães foram importados da Alemanha, desde há uma dúzia de anos antes da guerra. Existem escolas especiais nas quais dezenas de milhares destes caninos são submetidos a um curso que dura cinco anos. Sua alimentação inclui, entre outras cousas, 68 gramas de carne fresca diariamente, pão finíssimo de trigo, creme, chocolate e açúcar. Parte de seu adestramento se faz nos campos de concentração, onde o material humano abunda para exercícios práticos. Completado o curso, o cão acompanha seu mestre para as fronteiras, onde dificultará extremamente a fuga do paraíso soviético.

(Revista Javesiana — Bogotá, Colômbia).

— Em 4 de Novembro de 1948, o chefe do partido comunista suíço (Parti du Travail), Léon Nicole, declarou que os comunistas, em caso de ataque da URSS à Suíça não defenderiam o país. Nove dias depois houve eleições para a câmara estadual de Genebra. Os comunistas perderam 12 assentos em favor dos outros partidos. E o Conselho Federal acaba de reforçar as disposições penais para a proteção do Estado. Há, entre outras cousas, sanções contra os suíços que se ligaram a associações ou partidos políticos estrangeiros, cuja atividade é dirigida contra a Suíça e suas instituições. Reforça-se a repressão da espionagem. São previstas penas contra os que tentarem provocar desordens ou modificar por meios violentos a ordem constitucional da Confederação ou dos Cantões. O Conselho Federal, pode, temporariamente, interditar associações ou partidos políticos "cuja atividade tivesse por efeito pôr em perigo a segurança interior ou exterior do país".

— A ex-rainha da Holanda Wilhelmine, que, após um reinado de 50 anos, recentemente abdicou em favor da filha, é cidadã de Genebra e possui, portanto, a nacionalidade suíça.

("Echo", revue des Suisses à l'étranger — Berna).



O Polvo Vermelho e seus Tentáculos — "Quando o polvo bolchevasta envolve com seus tentáculos uma nação, a vitalidade desta esgrentos dos Sovietes nos Países Bálticos". (Albert Kalme: "Os Crimes San")

ESSA HISTÓRIA DE ADÃO E EVA

(Tradução)

Daniel A. Lord, S. J.

Falemos de Adão e Eva.

Apesar da longa história da raça humana que se estende entre nós e nossos primeiros pais, acho que Adão e Eva sempre encontram interesse.

Por exemplo — e constitui bom ponto de partida — há uma carta que recebi, faz poucos anos. A autora é uma excelente mãe católica. Não duvideis da fé dela; é uma fé robusta e leal, embora os conhecimentos dessa mãe não sejam por demais exatos ou seu senso de valores refinado em demasia. Depois de ter lido a carta, pus-me a pensar, e pensar pensei muito. A carta recebeu uma das minhas respostas mais apressadas. E muitas vezes tenho falado sobre aquela carta desde então.

Usando-me — como tantas vezes já o fizera antes — como posto de escuta para seus problemas, ela escreveu assim:

Uma carta sobre Adão e Eva. "Passei, hoje, por uma experiência bem embaraçosa. Provavelmente, ainda agora estou corando. Minha filhinha veio para casa do primeiro ano do grupo e num só fôlego contou-me a história de Adão e Eva. Realmente, enquanto a escutava cascateando dos lábios de meu bebê, pela primeira vez na minha vida, notei que ato de fé devo fazer sempre que se fale de nossos primeiros pais. Honestamente, é uma história ridícula, não é? Naturalmente, eu me esforço de engulir e crer esta história, porque suponho que, de qualquer modo, devo crer. Mas ela prova bastante a credulidade de um adulto, não acha?

"Enquanto minha filha estava recitando a história, minha fantasia estava trabalhando. Parecia-me ver como Deus se estava inclinando, tomava uma porção de barro húmido, e modelava um homenzinho. Foi como aqueles manequins que o escultor usa para modelo e coloca numa prateleira para secar. Em seguida, vi Deus debruçar-se sobre o modelo de barro e soprar fortemente. E, eis que cousa! a pequena estátua começou a caminhar. O homem estava feito.

"Não parece uma cena bastante incrível?

E então há a Mulher. "Justamente, para reforçar o caráter fantástico da história, Deus vira cirurgião e executa uma espécie de improvisada operação maior. Faz adormecer a Adão, usando uma espécie de éter celestial, suponho. Remove uma das costelas dele. Então, qual um daqueles escultores de marfim, dá à costela os contornos gerais de uma mulher. No princípio, Eva deve ter tido uma tremenda semelhança com o cabo de um léque chinês. Mas Deus sopra de novo, e a mulher começa a caminhar.

"Francamente, e pensando desta vez como amigo e não como padre, não acha isto um pouco difícil para engulir? Que é? Alguma alegoria ou uma piedosa lenda de fadas que de qualquer jeito foi

misturada com a rossa Bíblia? Quer que seja a sua resposta, gostaria que o meu bebê não tivesse repetido o que as boas Irmãs lhe ensinaram. É pedir muito a um adulto crer essa estranha e primitiva história".

Por que Deformar? Com o correr dos anos, cheguei à conclusão que, comparada com as historietas do homem primitivo ou do desenvolvimento do gênero humano de gases primitivos num caos remoto, a história de Adão e Eva constitui uma história bastante bem fundada. Mas não abordo a questão sob este ponto de vista desta vez.

Coitados de Adão e Eva, eles tiveram que aguentar uma boa porção de gracejos, no fluxo dos séculos. Li aquela carta com interesse simplesmente porque sentia que expressava a atitude típica de um bem grande número de gente aliás muito boa. Mais do que isto: Foi um exemplo perfeito do modo pelo qual as cousas da Bíblia podem ser deformadas, recontando-as. É como as famosas distorções de Jonas, p. ex., e a assim chamada baleia.

Durante um bom número de anos desperdiçados, tem-se discutido e argumentado a possibilidade de uma baleia engulir a Jonas. Parecia que ninguém se dava a pena de investigar o que o relato bíblico realmente afirmava. Se alguém, de fato, se dirigia à fonte da história, as dificuldades desapareciam. O relato afirma que "o Senhor preparou um grande peixe" com a intenção expressa de tê-lo pronto para engulir a Jonas.

Agora, podemos estar certos que, quando Deus prepara qualquer coisa para um fim determinado, a coisa está provida de tudo quanto se requer para tal fim. Às vezes, tenho dito a oponentes juvenis, usando um modo de falar que minha avó irlandesa costumava chamar de mistura de meio-gracejo e seriedade mortal: "Se Deus preparou aquele peixe especial, Ele talvez aí tenha instalado beliches superiores e inferiores, água encanada, luz elétrica e uma pequena cozinha, pelo que sabemos".

Tôda essa questão sobre que espécie de baleia poderia ter engulido que espécie de homem torna-se ridícula em face deste peixe especialmente criado. Realmente, com todo o respeito, podemos sugerir que Deus meramente antecipou o submarino. Seu interesse no destino de Seu profeta inspirou a divina sabedoria.

Mesmo se a palavra baleia mais tarde aparece na Bíblia, ainda continua como um tipo muito especial de monstro marítimo, construído para engulir a Jonas e depositá-lo são e salvo no lugar de seu destino.

Uma Bagatela? Mas para voltar a Adão e Eva, uma das objeções básicas que sempre e sempre volta à baila, gira ao redor de seu pecado.

"Foi um pecado tão insignificante, uma bagatela", ouvi dizer

cem vezes. "Imagine! Os pobres coitados foram expulsos do Paraíso pelo crime de furtar uma maçã."

Quem jamais disse que eles comeram uma maçã? A Bíblia não afirma isto. De facto, não há muito tempo, alguém observou em minha presença que a fruta proibida deve ter sido um albricoque; teve um fraco por albricoques. A Bíblia não diz que a fruta foi uma tangerina ou uma das maçãs áureas dos Hesperides. Gente que procurava sarna para se coçar, decidiu que foi uma maçã.

Ou, para tornar as cousas mais confusas ainda, a gente insiste em que o pecado de nossos primeiros pais foi um pecado contra a castidade. Não seria difícil demais descobrir como chegaram a esta ideia. A Bíblia fala de fruta proibida. Algum poeta, certo dia, falou do ilícito prazer sexual como sendo fruta proibida. Então qualquer outro exclamou: "Ah, se o pecado tinha que ver com uma fruta proibida, deve ter sido um pecado de impureza, pois impureza é uma fruta proibida." E uma porção de gente confundiram algumas simples palavras, tropeçaram desastrosamente nas figuras da linguagem e envolveram a Adão e Eva em pecados que nunca cometeram.

Mas a Causa é Séria. A pura verdade é que o pecado de Adão e Eva foi uma ofensa muito mais séria do que o mero estender de uma mão cubijosa para pegar um pedaço de uma fruta particularmente tentadora. No pecado de Adão e Eva achava-se a essência de todo pecado. Foi o símbolo da rebelião egoísta contra Deus de todo homem.

Cada pecado pode, de algum modo, ser reduzido a um pecado de desobediência. Deus diz aos Seus filhos "Não façais"! E Seus filhos respondem, calma ou apaixonadamente, com os olhos bem abertos ou os lábios apertados: "Mas eu quero". Deus, na Sua sabedoria, diz: "Meu filho, isto te faz muito mal; por favor, não o faças". O pecador, desafiando a sabedoria de seu Pai e a repetida evidência da história que nos mostra os tristes efeitos do pecado, responde: "Por que não? Isto entendo melhor do que vós, Deus. E o que é mais, já que vós inconsideradamente me criastes homem livre, usarei minha liberdade para agarrar a coisa que desejo, mesmo se, no fim, ela me causa a mim e a outros um tremendo prejuízo".

Este fator faz de cada pecado fundamentalmente um ato de desobediência deliberada. O pecador levanta o olhar para seu Pai suplicante e lança sua recusa em Sua face amorosa. Qualquer um que já viu os olhos carregados e os lábios apertados de uma criança desobediente sabe qual o aspecto que estamos apresentando ao nosso gentil Pai que pede, mas não coage, que admoesta a nós, Seus filhos, mas que não quer forçar-nos a tri-

lhar o caminho feliz e obediente.

Uma Ambição que Gora. Se Eva tivesse desobedecido a Deus puramente porque pensava que a fruta proibida era um bocadinho particularmente delectável, seu pecado teria sido um mal, mas um pouco estúpido. O motivo que estava no fundo de seu pecado, era muito mais trágico. O tentador ofereceu um negócio muito rico para ser rejeitado. "Se comerdes esta fruta, suas propriedades mágicas farão com que sejais iguais a Deus mesmo". Assim disse efetivamente. Porque ela estava certa que a fruta podia magicamente elevá-la ao nível de seu criador, ela apoderou-se dela com cupidez febril.

A Tentação Mais Frequente do Homem. E Adão caiu, como a esmagadora maioria de homens caíram.

Quando voltou na frescura da tarde, sua mulher foi-lhe ao encontro, toda sorriso e doce sedução. Estendeu a fruta proibida na mão amada que Deus formara para servir ao esposo.

Adão não era nenhum tolo. Sabia que havia algo de estranho em todo esse negócio. Certamente não sentia fome que o impelisse para qualquer pedaço de fruta em especial, achando-se num pomar repleto dos mais saborosos espécimes. Até nem ouvira a promessa da serpente a respeito de poderes divinos.

Ao invés enfrentou a escolha que os homens têm feito cem milhões de vezes desde então — a escolha entre seu Deus e sua mulher. Deus estava longe, e a mulher, com seu amor, estava tão intimamente perto. Por isso, como cem milhões de homens desde aquela tarde fatal, ele virou as costas a seu Deus e escolheu sua mulher.

Foi a idolatria que obriga os homens a ajoelharem-se diante das mulheres cuja beleza os torna cegos.

O Pecado Básico. Assim você vê: o pecado de Adão e Eva não foi um dos pecados menores, como o comete um gurí, quando tira uma laranja da chácara do vizinho. Foi um pecado que continha todos os elementos essenciais de todos os pecados que homens e mulheres poderiam cometer.

Foi uma insolente e cabeçuda desobediência contra um Pai cuja generosidade não conhece limites.

(Continua)

TEU MAIOR INIMIGO

Quem é? Qual é?

O salteador e assassino? O traidor ou o caluniador? O adversário político ou o comunista? O tifo ou o câncer? A jogatina ou o álcool?

Não. Todos estes podem-te arruinar apenas bens temporais.

O maior inimigo é o orgulho. O orgulho separa-te de Deus para sempre, se não venceres este vício satânico.

(Continua na 4ª página)

O ÚLTIMO ASSALTO

José de Cidade Real

Ao chegar ao fim da curva da estrada que, em suave declive contornava os contrafortes do Jura, o jovem estacou extasiado. Quedando-se mudo, contemplou o panorama paradisíaco que se lhe abriu aos pés.

Lá em baixo, num lindo vale, iluminado feéricamente por um sol de Agosto, já no começo do declínio, estendia-se o pequeno lago, de uma beleza peregrina na sua placidez diáfana.

Uma corôa de construções bem adaptadas à paisagem, circundava as águas tranquilas.

Ainda arrebatado por tanta beleza, o moço dirigiu-se à companheira, uma senhora de aspecto ao mesmo tempo maternal e fidalgo.

"Tia Augusta," disse o jovem. "Quanta beleza! Não acho palavras para expressar o que sinto. Veja o verde claro destes prados, o verde-marron daqueles matozinhos de faias, nas encostas no fundo do vale, e o verde escuro dos pinheiros majestosos, no alto das colinas."

E os olhos do jovem fixaram-se nos longos espigões dos verbascos que o povo chamava "círios do rei", pois as florzinhas brancas com o ponto amarelo no centro provocavam uma semelhança surpreendente com círios acesos. Estas delicadas plantas guardavam a longa orla da floresta escura, formando assim um quadro de encanto inefável.

"Tem razão, Bernardo," observou D. Augusta. "Mas, desçamo: ao povoado." E caminhando pela larga estrada, ela explicou ao companheiro:

"Bernardo, fiz questão de mostrar-lhe isto, antes que voce se afaste de nós para sempre. Este pedaço de terra encerra uns longos capítulos da história de nossa família.

"Tudo quanto vê aqui, este pedacinho do Paraíso, pertenceu, certa vez, a seu avô, meu pai.

"Um membro do Conselho Nacional da Suíça, amigo de seu avô, comunicou-lhe, certo dia, confidencialmente que se estava discutindo, numa comissão especial, o plano de construir uma estrada de ferro de Berna a Paris. Essa estrada deveria atravessar a fronteira entre os dois países justamente neste lugar. Meu pai comprou logo este vale com o lago e a aldeiazinha — e mais uma coisa, além de uma grande parte das colinas com seus ricos pastos. Mas aquela "coisa" mostrar-lhe-ei depois.

"Em breve, chegaram centenas de operários. Construíram a olaria; ainda está lá, na outra margem do lago, com a alta chaminé desmantelando-se. Mais além, aquelas compridas estruturas são os galpões de secagem. Na margem direita, vê um grande edifício, o hotel. Seu avô colocou-o justamente sobre a fronteira. A linha divisória entre a Suíça e a França passa pela cozinha do hotel. Astuto.

"As obras estavam progredindo às mil maravilhas, quando, um belo dia, o amigo deputado cres-

veu que o projeto da estrada de ferro tinha sido mudado quando tudo já parecia assentado. Foi um golpe terrível para seu avô. Lá estava ele agora com a aldeia reconstruída e adaptada ao trânsito que nunca haveria de realizar-se.

"Por um momento, entretanto, as cousas não se apresentavam tão desesperadoras. Vê, aí, no fundo do vale, existe uma estreita passagem entre as colinas. Meu pai tinha descoberto jazidas de minério de ferro, na encosta ocidental daquela colina. E por algum tempo fornecia esta matéria-prima ao irmão dele que explorava uma fundição. O custo do transporte, porém, e a pobreza das jazidas que logo se manifestou, destruíram a última esperança de poder salvar a obra que tantos esforços e tanto dinheiro custara. Teve que vender tudo por uma ninharia".

Chegaram ao hotel que aparentava uma tal e qual prosperidade devida às condições criadas pela 1. Guerra Mundial.

Não tencionaram entrar. Mas o dono da estalagem — que mais isto era a casa do que um hotel — monsieur Antoine, reconheceu de longe a D. Augusta e esperou-a à porta.

"— Ah, Madame de Moineville", disse ele. "Vossa Excelência não poderá deixar de dar-me a honra de sua visita."

Este tom um tanto familiar achava sua justificação na caridade proverbial da baroneza que, frequentemente, entrava nos mais miseráveis casebres, levando para lá consolação e lenitivo.

Desprezar o convite que vinha do coração leal do velho alsaciano que falava uma curiosa mistura de francês e dialeto alemão, teria sido falta de delicadeza.

Aceitaram, pois, a hospitalidade oferecida.

D. Augusta apresentou o jovem companheiro: "Meu sobrinho Bernardo. Quis mostrar-lhe a nossa antiga propriedade, antes dele separar-se de nós para sempre, afim de ficar padre e missionário."

"Ah, monsieur l'abbé vai para as missões des nègres. Deve haver ainda muitos pagãos, lá-bas," replicou o hoteleiro. "Ici il n'y a plus de pétre, nenhum padre mais aqui... e, antigamente, havia-ostantos. Mas agora tudo vai às favas".

A pedido de D. Augusta, monsieur Antoine mostrou ao sobrinho a cozinha "internacional". E enquanto os dois visitantes tomavam um refresco, o velho, na sua linguagem pitoresca, contou, em benefício do jovem, peripécias em que a cozinha tinha um papel preponderante, durante a guerra.

"A cozinha viu cousas interessantes, devido à sua nacionalidade dupla. Os alemães que ocupavam esta parte norte da França, vigiavam a fronteira, instalando-se na metade francesa. Mas mesmo assim, quanto espião francês atravessou-a, entrando pela porta do fundo e saindo pela porta da frente, em território suíço! E, a preço de um queijo, os oficiais alemães deixavam escapar prisioneiros para o

país neutro ou permitiam a entrada de gente que se dizia suíço, mas que não apresentava documento nenhum de legitimação.

"E tudo isto não era sem perigo para mim. Pois havia casos em que nem queijo era bastante precioso, quando os alemães queriam impedir a passagem de alguém. De uma feita, recebi, por vias escusas, comunicação que um coronel francês chegaria para refugiar-se na Suíça. Para não ter incômodos, resolvi deitar-me cedo; pois, o fugitivo devia embarcar do lado suíço, logo depois da meia noite, num automóvel mandado por um amigo dele. Toda a tarde fingia eu dor de cabeça, para poder retirar-me cedo. Assim, pelas oito horas da noite, dei um giro pela casa, e, entrando na cozinha, dei com uma velha rabugenta que estava lustrando as botas de um oficial alemão. O alemão riu-se para mim: Apanhei esta bruxa rondando a casa e mendigando um pouco de pão. Se ela quer comer, que antes trabalhe. — Qual não foi meu espanto, na manhã seguinte, quando me contaram que aquela "bruxa", pouco depois da meia noite, atravessou calmamente a cozinha, deixando cair, na porta suíça, os trapos de mulher, e foi embarcar no auto como Coronel francês. Deveriam ter ouvido as pragas que soltaram esses "prussiens". Ah, excusez-moi, Madame. Não teria sido cousa para V. Excelência".

Retomando o caminho, tia e sobrinho chegaram a um ponto na estrada de onde parecia sair um caminho. Antigamente era realmente assim. Hoje aparentava mais uma depressão do solo, coberta de capim. Entretanto, era justamente por aí que dirigiram seus passos. Subiram a ladeira,

que parecia levá-los para o flanco da montanha.

Teriam dado uns quinhentos passos, quando se abriu diante deles um valezinho encantador. Um ribeirinho bastava para fertilizar uma vegetação abundante. As encostas estavam revestidas de florestas silenciosas. E, devido à sua posição elevada, o valezinho oferecia um panorama esplêndido. Em todo o redor, levantavam-se as cabeças majestosas dos montes do Jura. Seus flancos estavam cobertos de escuras florestas, disputando o solo com viçosos pastos. À esquerda, num cume próximo, erguiam-se as ruínas do castelo de Blochmont.

Mas ruínas, havia-as também muito perto. Por toda parte viam-se os restos do que outrora deviam ter sido imponentes edifícios.

Apontando o que restava de um longo alicerce que, sobressaindo do capim, provocava a imagem de uma dentadura cariada, D. Augusta disse:

"Bernardo, é isto o que quis mostrar-lhe. Eis aqui as relíquias de um glorioso passado. Eis aqui a causa da decadência do vale lá em baixo, do insucesso, também, de teu avô.

"Estas ruínas são tudo quanto sobrou de um florescente mosteiro cisterciense. A revolução francesa dispersou ou matou os monges e incendiou o convento, destruindo o nervo vital de toda esta região. A propriedade dos conventuais passou de mão em mão, sem beneficiar a ninguém. Pelo contrário. Verifica-se aqui mais uma vez: "Qui mange du Pape, en crève".

"Embora meu pai tivesse comprado em boa fé o que era, antigamente, dos Cistercienses,

(Continúa)



Do meu Diário

14 de Janeiro — Uma turma de 25 jovens, entre eles 16 membros da C. M. do Rosário, chega ao colégio para fazer um retiro espiritual de três dias.

18 de Janeiro — A "paralaxe bucal", no refeitório, depois da Missa de encerramento, prova que um silêncio de três dias não é prejudicial à voz humana. E os nossos retirantes estão todos bem satisfeitos de ter empregado esta par-

cela das férias em benefício de suas almas.

22 de Janeiro — Um grupo de congregados aproveita com entusiasmo a ocasião de jogar tennis. A maior parte deles são ainda principiantes na nobre arte, mas interesse e perseverança levarão à perfeição.

6 de Fevereiro — O Jonas passa dias de terrível incerteza: Que será do "Vasco" no México?

TEU MAIOR INIMIGO

(Conclusão)

O orgulho abriu o inferno para Lucifer e seus asséclas. O orgulho expulsou do Paraíso a Adão e Eva e toda a sua posteridade.

O orgulho pregou Cristo à cruz. O orgulho resiste ao próprio Deus.

O orgulho faz de ti um rebelde, rouba-te a fé, priva-te da graça de Deus. Fecha-te a boca, quando de-

verias falar: na confissão. Abre tua boca, quando deverias calar: quando criticas teus pais e superiores, quando queres valer mais aos olhos de teus colegas do que realmente vales.

Reflete, amigo, durante este mês, sobre o orgulho, aquele orgulho falso que leva também o nome de soberba.

Se descobrires em tua alma este inimigo mortal, enxota-o por meio de atos de humildade.